

ANO 14
NÚMERO 16
DEZEMBRO DE 2015
RIO BRANCO-AC

Ufac
HOJE

Idosos vão à escola



FOTO: NATTÉRCIA DAMASCENO/ASCOM-UFAC

Arnaldo de Lima, 78

Com o objetivo de promover a inclusão digital de idosos e a democratização do conhecimento, neste ano, a Universidade Aberta da Terceira Idade (Unati), implantada na Ufac desde 1999, deu ênfase a cursos e oficinas de formação inicial e continu-

ada na área de informática e mídias digitais.

Sob responsabilidade da Proex, com apoio da Fapac e da Secretaria de Inclusão Digital do Ministério das Comunicações, as capacitações ocorreram em Rio Branco e

em Xapuri, com a participação de 85 idosos, de 57 a 84 anos. “A maior importância da Unati é manter ativa essa parcela da sociedade que já se aposentou, mas não quer ficar em casa parada. Ano a ano nós mostramos que o idoso, o aposentado pode,

sim, manter-se produzindo”, ressalta a coordenadora-geral da Unati, professora Margarete Prado Lopes.

ENSINO/PÁGS. 6 e 7

Comer bem demais pode fazer mal

FOTO: NATTÉRCIA DAMASCENO/ASCOM-UFAC



Manter uma alimentação balanceada é importante para a saúde, mas pode virar uma obsessão que já tem nome: ortorexia nervosa, um distúrbio alimentar caracterizado pela preocupação extrema em ingerir alimentos saudáveis. Apesar de pouco popular

e do não reconhecimento oficial pela OMS como uma doença, o mal já preocupa especialistas que têm notado o crescimento do desequilíbrio comportamental.

COMPORTAMENTO/PÁG. 9



Aids continua impondo cuidados

SAÚDE/PÁG. 4



JOSÉ CLÁUDIO
MOTA PORFIRO

DDD/Prodgep: em busca dos melhores dias

Apenas tentávamos mudar a realidade. Depois, vimos que alguns pequenos progressos começavam a se operar, em ritmo lento, é claro. Enfim, conseguimos ouvir ecos de vozes e fatos segundo os quais pessoas passaram a viver tempos de intensa felicidade, o que nos deixou quase contentes, e não totalmente satisfeitos, posto que a nossa seara lida, diuturnamente, com o desenvolvimento de pessoas que buscam mais e mais escadas para galgar, de gente que sonha, sofre, faz planos e, na maioria das vezes, consegue colocá-los em prática. E isto é gratificante.

Assim é a Diretoria de Desempenho e Desenvolvimento (DDD), uma unidade compósita da Pró-Reitoria de Desenvolvimento e Gestão de Pessoas (Prodgep).

Em palavras mais claras, enquanto uma das nossas diretorias pauta-se em um trabalho no campo dos cálculos exatos, dos aditamentos financeiros, a outra age em benefício da saúde do servidor.

Ao par disto, a DDD vive de sonhos que se tornam realidade a partir do momento em que um evento de capacitação ou qualificação pode significar aumentos salariais bastante substanciais, o que terá como resultado a melhoria da qualidade de vida dos servidores, como uma melhor escola para os filhos, uma casa mais confortável e bonita, um bom carro na garagem, férias folgazãs, dentre outros fatores que nos levam a sonhar acordados e construir, juntos, uma realidade mais justa e alvissareira que também é nossa.

Servidores de 50, 60 ou mais de

idade, com 30 ou 35 ou mais anos de serviço, nunca haviam — durante todo este tempo — participado de eventos de capacitação. Como resultado, continuavam nas classes iniciais da carreira e, com isso, os salários estavam defasados, pois eles poderiam estar ganhando muito mais. Dois cursos foram organizados e esses pioneiros passaram a ter direito aos benefícios legais.

Dê-se ênfase especial aos servidores do Parque Zoobotânico, que, pela primeira vez, participaram de estudos técnicos na Universidade Federal do Amazonas, apesar de virem passando os seus conhecimentos, de forma já obsoleta, aos alunos dos vários cursos que necessitam da sua colaboração.

A Lei 11.091/2005 instituiu a obrigatoriedade da implantação de um Plano de Execução do Processo de Capacitação, Avaliação e Desempenho dos Servidores desta universidade. Apenas em 2010 é que tal documento foi elaborado, o que reparou prejuízos gerados ao longo de cinco anos, em termos salariais, para mais de 400 servidores técnico-administrativos.

Mas o trabalho não para. Muito mais está sendo feito em benefício do servidor.

▶ Servidor técnico-administrativo da Ufac, diretor da DDD; cronista e poeta.



Compromisso com a sociedade

A missão da Ufac é produzir, sistematizar e difundir conhecimentos. Nosso papel, na Reitoria, é ir permanentemente ao encaço desse propósito, no sentido de que os resultados das ações de ensino, pesquisa e extensão sejam reconhecidos pela comunidade acriana por sua qualidade e pertinência social. Cada ação realizada e cada momento representam passos neste caminho.

A aprovação dos programas de doutorado se constitui em exemplo crucial desse processo, por diversas razões objetivas e subjetivas. Sem estes, a Ufac continuaria com suas perspectivas acadêmicas bastante reduzidas para cumprir sua missão perante a sociedade. Os egressos dos cursos de graduação, assim como dos cursos de mestrado, e, agora, dos cursos próprios de doutorado, representam uma das dimensões do papel da Ufac no desenvolvimento socioeconômico acriano. Nosso compromisso é de que esse papel seja sempre desempenhado dentro de princípios que não obscureça a imagem da universidade.

Por isso, o respeito às regras institucionais e aos parâmetros éticos são condutas indispensáveis para a construção de uma universidade cidadã, que seja capaz de transformar a realidade da população, esta que arca com todas as despesas por meio de impostos e taxas. O futuro depende de caminhos que estão sendo construídos. Esses caminhos vão aparecendo em cada realização, alicerçada em princípios inerentes à administração pública, os quais devem ser associados necessariamente aos princípios acadêmicos de uma universidade contemporânea, tais como o pluralismo teórico-metodológico e a interdisciplinaridade na produção do conhecimento.

Minoru Kinpara, reitor da Ufac.

Expediente

Ufac Hoje

Editores: Aquinei Timóteo, Márcio Chocorosqui

Redação: Aquinei Timóteo, Edmê Gomes, Francisco Dandão

Fotos: Glauco Capper, Nattércia Damasceno

Revisão: Márcio Chocorosqui

Projeto gráfico e diagramação: Gilberto Lobo

Impressão: Gráfica e Editora Estrela

Tiragem: 3.000 exemplares

Distribuição gratuita

Ufac

Reitor: Minoru Kinpara

Vice-reitora: Guida Aquino

Assessor de Comunicação Social: Aquinei Timóteo

Ufac – Campus de Rio Branco
BR 364, km 4 – Distrito Industrial
Caixa Postal 500 – 69920-900
Rio Branco-AC
www.ufac.br
ascom@ufac.br

Projeto da Ufac

identifica tipos de feijão

Pesquisadores desenvolvem trabalho de melhoramento genético com feijões encontrados no Juruá e Purus

Objetivo é estudar variedades mais resistentes a pragas, doenças e seca; foram identificados 34 tipos de feijões

AQUINEI TIMÓTEO
 aquinei@ufac.br

Pesquisa desenvolvida por professores do mestrado em Produção Vegetal da Ufac identificou 34 tipos de feijões (*Vigna unguiculata* e *Phaseolus vulgaris*) nos municípios de Brasileia, Xapuri, Plácido de Castro, Sena Madureira, Tarauacá, Feijó, Mâncio Lima, Cruzeiro do Sul e Marechal Thaumaturgo. O trabalho — liderado pelos professores da Ufac Vanderley Borges, Eliane de Oliveira e Eduardo Pacca, em parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa-AC) — busca fazer a caracterização morfológica e genética das variáveis de feijões encontradas no Estado do Acre para desenvolver um trabalho de melhoramento genético adaptado aos municípios acrianos.

A ação faz parte do projeto “Coleta e Caracterização Morfológica e Agronômica de Variedades Crioulas de Feijão Comum e Feijão Caupi no Acre”. No período de 2012 a 2013, os pesquisadores realizaram várias expedições para as regiões do Purus e do Juruá, onde coletaram 34 tipos de feijões. Segundo o professor Vanderley Borges, os feijões encontrados em território acriano, caso do feijão carioca, são originários do México e da América Central. “Constituem feijões que já estão há 30, 40 anos na região do Purus e Juruá e apresentam uma resistência e uma variabilidade maior em compa-

ração aos tipos mais novos”, explica Borges.

No atual estágio da pesquisa, as amostras de feijão (*Vigna unguiculata* e *Phaseolus vulgaris*), coletadas nas regiões do Purus e do Juruá, passam, na Unidade de Experimentação Agrícola da Ufac, por um processo de caracterização morfológica e agrônômica, que pretende identificar e caracterizar os tipos de folha dos feijões, a cor da flor, o hábito de crescimento, o porte da planta e sua produtividade. “Nesta etapa da pesquisa, buscamos novas variedades de feijão e, também, identificar os tipos mais promissores e resistentes a secas, pragas e doenças”, ressalta Borges. “Almeja-se, com a pesquisa, desenvolver linhagens melhoradas, a fim de agregar valor e favorecer a conservação dessas plantas no Juruá e no Purus.”

Na Unidade de Experimentação Agrícola da Ufac estão sendo desenvolvidas algumas pesquisas com os feijões *Phaseolus vulgaris*. Essa etapa da pesquisa é desenvolvida com estagiários do curso de Agronomia e com bolsistas do Programa Institucional de Iniciação Científica e Tecnológica (Pibic). Os estudantes buscam dividir os feijões pela cor da vagem e também procedem ao estudo da fenomenologia, isto é, analisam o tempo que cada planta demora para crescer e se desenvolver. Um ciclo que dura de 80 a 110 dias.

Para a acadêmica de Agronomia, Silvana Silva do Nascimento, os estudos desenvolvidos em torno do feijão “auxiliam no aprendizado sobre a cultura da planta e permite que os estudos possam ajudar os agricultores no combate a pragas e doenças que afetam o feijão”.

Outro estudo é desenvolvido no âmbito do mestrado em Produção Vegetal e tem a finalidade de desenvolver linhagens melhoradas por meio do processo de autofecundação. A autofecundação ocorre quando o pólen



Foto: GLAUCO CAPPER/ASCOM-UFAC

(gameta masculino) fertiliza um óvulo (gameta feminino) da mesma planta. Borges explica que as linhagens melhoradas são obtidas por cruzamentos definidos, resultando em plantas eretas e semieretas, o que facilita o processo de colheita mecanizada ou o processo de colheita manual feito pelos agricultores. As linhagens melhoradas visam a garantir também um feijão mais resistente às pragas, às doenças e às intempéries climáticas, como secas excessivas.

As amostras coletadas estão sendo multiplicadas e caracterizadas e serão enviadas para conservação em Bancos Ativos de Germoplasma (BAGs) da Embrapa: BAG de feijão caupi, na Embrapa Meio Norte (Teresina-PI) e BAG de feijão na Embrapa Arroz e Feijão (Santo Antônio de Goiás-GO). Futuramente, as variedades serão também enviadas para o Banco Genético da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, em Brasília, que funciona como uma espécie de backup de todas as coleções mantidas pela empresa. Nesse banco, as sementes são conservadas a 20°C abaixo de zero e podem se manter viáveis por mais de cem anos.

A ação faz parte do projeto ‘Coleta e Caracterização Morfológica e Agronômica de Variedades Crioulas de Feijão Comum e Feijão Caupi no Acre’

Segundo dados do IBGE, o país produziu 3.690.340 toneladas de feijão em 2014. A área plantada foi estimada em 3.308.056 de hectares, 8,8% maior que a de 2013. O Estado do Acre apresenta uma área plantada de 83.785 hectares, com uma produção de 137.845 toneladas de grãos de feijão, o que representa uma participação de 0,1% da produção nacional.

A pesquisa conta com o apoio do Instituto Federal do Acre (Ifac); do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa); da Embrapa-AC e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).



continua impondo cuidados

3 décadas após descoberta, doença permanece sem cura, mas com tratamento de êxito; prevenir é o melhor remédio

Números apontam estabilização de casos em nível nacional, mas com crescimento no Norte, Nordeste e Centro-Oeste

EDMÊ GOMES
edmebg@gmail.com

Há 34 anos o mundo convive oficialmente com uma doença grave. Era 5 de junho de 1981 quando um estudo sobre cinco jovens americanos acendeu o alerta para o reconhecimento do mal que só seria batizado, no ano seguinte, pelo Centro de Controle dos Estados Unidos (CDC, na sigla em inglês). Chamada Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, a aids estava descoberta.

De lá pra cá, as pesquisas avançaram. A hipótese inicial de que se tratava de uma doença que apenas homossexuais poderiam contrair foi rapidamente derrubada, apesar do estigma que insiste em se perpetuar. Independente da orientação sexual, homens, mulheres, jovens e até recém-nascidos estão sob a ameaça da síndrome que permanece sem cura, mas já pode ser controlada por tratamento com os chamados antirretrovirais.

Dados mais recentes do Boletim Epidemiológico do Departamento de Doenças Sexualmente Transmissíveis, Aids e Hepatites Virais da Secretaria de Vigilância em Saúde, do Ministério da Saúde, mostram que, no Brasil, desde o início da epidemia

média de
20,5
novos casos
para cada
100
mil habitantes

até junho do ano passado, 757.042 casos haviam sido notificados. Em três décadas, a doença matou cerca de 278 mil brasileiros — 25 milhões de pessoas em todo o mundo, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU).

Mesmo com o avanço da doença, nos últimos dez anos a taxa de detecção de aids no país tem apresentado estabilização com uma média de 20,5 novos casos para cada 100 mil habitantes. Até hoje, estima-se que o vírus HIV tenha infectado pelo menos 734 mil brasileiros. Número que não assusta o professor da Ufac Creso Machado Lopes.

“Temos uma estabilização da taxa de detecção nacional da doença com tendência linear de crescimento nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, onde os casos saltaram de 15,11 e 18,7 para cada 100 mil habitantes, em 2004, para 26,1, 16 e 20,3 casos em 2014. Mas isso não é totalmente ruim. Isso quer dizer que se está conseguindo chegar mais longe na detecção para o consequente tratamento da doença”, pondera o professor. “Temos um serviço que está melhorando e conseguimos afastar o cálculo inicial de que um infectado contaminaria, em média, outras 50 pessoas.”



Temos uma estabilização da taxa de detecção nacional da doença com tendência linear de crescimento nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, onde os casos saltaram de 15,11 e 18,7

Creso Machado Lopes, professor da Ufac



Cheias

provocam catástrofe histórica no Acre

Rio e chuva

Maior desastre natural da história do Estado, a cheia do rio Acre em 2015 devastou cidades acrianas e desabrigou milhares de famílias. Apenas em Rio Branco, foram 102 mil pessoas afetadas. O manancial registrou a cota de 18,40 metros, atingiu 53 bairros, 900 ruas e 31 mil edificações. Os municípios de Cruzeiro do Sul, Tarauacá, Feijó, Sena Madureira, Xapuri, Epitaciolândia, Brasileia e Assis Brasil também foram afetados pelas enchentes. Estima-se que, em todo o Estado, 71.746 famílias tenham sido atingidas pelas águas, somando o total de 169.725 pessoas afetadas.

Coordenador do Grupo de Estudos e Serviços Ambientais da Ufac, o professor Alejandro Duarte monitora de perto o comportamento das águas dos rios e da chuva no Acre. Do ponto de vista pluviométrico, explica ele, um ano normal no Estado apresenta regime de chuva entre 1.834 milímetros e 2.076 milímetros. Os quatro primeiros meses do ano, os mais chuvosos da região, concentram chuvas que devem variar entre 865 milímetros e 1.193 milímetros. Em 2015, o índice registrado para o período alcançou a marca dos 1.300 milímetros de chuva. Ainda assim, o pesquisador descarta que a causa da tragédia tenha causado meramente natural.

“No cenário acriano, não existe a justificativa de que mudanças climáticas são responsáveis; de que chuvas repentinas são responsáveis; de que súbitas elevações do nível do rio são responsáveis. A situação se agrava, porque, hoje, basta uma chuva própria do ambiente amazônico para que uma rua alague, para que partes de um bairro de recente construção alague, ocasionando não poucas moléstias devido à deficiente urbanização”, opina.

Duarte evita profecias e diz que, para saber o que esperar do futuro, é necessário saber do passado e do presente. Ao supor manifestações de mudanças para um clima mais chuvoso, ele se lembra dos mais afetados. “É preciso prevenir, adaptar, mitigar. Investir recursos suficientes, rapidamente, na elevação da qualidade de vida da população”, finaliza.

Governo e população se preocupam com enchentes do rio Acre; segundo especialistas, fenômeno tende a repetir-se

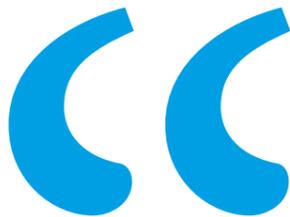
Pesquisadores da Ufac analisam causas da alagação, como assoreamento do rio, e apontam formas de minimizá-la

EDMÊ GOMES
edmebg@gmail.com

Eventos extremos, como enchentes e secas históricas, estão cada vez mais presentes no cotidiano da população acriana. O aumento vultoso não apenas na frequência e intensidade, mas também nos impactos gerados com prejuízos e danos cada vez mais fortes é fator de preocupação. Afinal, seria possível prever o que está por vir nos próximos anos?

O professor da Ufac, Ecio Rodrigues, é realista. Para ele, independente da dimensão da inundação pelo rio Acre — ou outros rios que cortam o território estadual — a aferição da maior cota já atingida pelo nível das águas não pode ser o mote do debate. “A constatação inegável é que, desde a segunda metade da década de 2000, o evento da alagação vem ocorrendo anualmente. O erro grave e corriqueiro nesse ponto é achar que, como antes, o período de intermitência entre uma alagação e outra corresponde a uma média de dez anos, o que daria tempo para a cidade esquecer e se recuperar. Não, as alagações dos rios no Acre se tornaram uma realidade, vão acontecer todos os anos, e a política pública deve se preparar para isso”, projeta o pesquisador.

A conclusão de Rodrigues liga-se em parte à observação das constantes mudanças climáticas às quais o planeta tem sido submetido e a um fenômeno que se agrava no Acre desde a década de 1950: o assoreamento dos rios. Ambas as constatações têm li-



As alagações dos rios no Acre se tornaram uma realidade, vão acontecer todos os anos, e a política pública deve se preparar para isso

*Ecio Rodrigues,
professor da Ufac*

gação direta com o desmatamento de um tipo especial de floresta que cresce nas margens dos cursos d'água, a mata ciliar, que possui importância crucial para o equilíbrio hidrológico do rio e que é tema do livro “Ciliar Só-Rio: mata ciliar no rio Acre”, que tem o professor como um dos autores e está disponível nas principais livrarias de Rio Branco.

Em resumo, formar uma barreira para impedir o assoreamento e, desse modo, melhorar a quantidade e a qualidade da água que flui no rio é uma das funções mais significativas dessa vegetação. Sem ela, sedimentos como areia e barro depositam-se facilmente no fundo do leito que, mais raso, acaba transbordando na temporada de aumento das chuvas. Em média, o rio Acre transporta por Rio Branco 2,7

milhões de toneladas de sedimentos por ano.

“Tenho defendido a tese de que o enfrentamento, tanto das alagações quanto das secas, deverá ocorrer por meio de dois caminhos: resistência pública e resiliência dos rios. No primeiro caso, os gestores públicos devem remover os assentamentos precários existentes nas áreas sujeitas à alagação e transformar as áreas alagadas em áreas verdes. No segundo, a resiliência dos rios deve ser promovida, em médio prazo, por meio da restauração florestal da mata ciliar”, frisa Rodrigues.

Doutor em Ciências Ambientais e pesquisador da Ufac, o americano Foster Brown concorda que a resiliência dos rios é uma das boas apostas para solução do problema. “A resiliência dos cursos d'água é, de maneira simplista, a eficiência com que o rio absorve e drena a quantidade de água que recebe. Quanto maior a resiliência, menor a chance de catástrofes”, explica.

Mas além do desmatamento, Foster cita a liberação de carbono na atmosfera como outro principal fator de implicação direta em fenômenos de cheias e secas extremas. “O meio ambiente está inconstante. A média de dez anos que antes separava grandes cheias ou secas, hoje, não tem sido mais respeitada. O Acre sofre danos estruturais de cheias consecutivamente desde 2009. Estamos combinando variabilidade natural com o desmatamento e o aumento de carbono na atmosfera. O resultado é uma bomba-relógio”, avalia.

“Não podemos prever quando novas catástrofes ambientais ocorrerão, mas enquanto não repensarmos o significado de qualidade de vida, elas estarão à espreita. Se não mudarmos nosso sistema, sentiremos saudade de eventos como a cheia de 2015 do rio Acre”, alerta o pesquisador, ao dizer que a tendência é de mais intensidade e frequência de grandes desastres.

FOTO: NATÉRCIA DAMASCENO/ASCOM-UFAC

Idosos vão à escola

Universidade dedicada à 3ª idade enfatiza cursos básicos em informática; projeto completa 15 anos na Ufac

Unati ofereceu capacitação a aposentados em encontros semanais durante 11 meses, totalizando carga horária de 260 horas

EDMÊ GOMES
edmebg@gmail.com

“**T**u acredita?!”, espantou-se. “O homem, aqui, me falou. A gente aperta nesse botão [o teclado] e a letra aparece grande bem aí [no monitor]. Eu já aprendi”, orgulha-se Antônia Soares, a Tonica, com a euforia de quem começa a entender o que a cerca.

Com tempo, aos 84 anos, ela acaba de descobrir. Pode deixar o ramal Tião Frota, zona rural de Rio Branco, e abarcar o mundo ao toque do recém-conquistado amigo, o mouse. “É só escrever Feijó, Tarauacá, Cruzeiro do Sul, a cidade que quiser que tudo sai aí de dentro”, festeja. Ao lado, Arnaldo de Lima, 78, concorda.

Com as firmes mãos de um ex-soldado da borracha, o septuagenário já garante certa estabilidade no manuseio do computador e navega com eficiência. Ele é o homem a quem Tonica se referia. É que quando o professor e os assistentes se afastam, Arnaldo ensina

o que já sabe a quem está ao lado. Há 15 anos na Ufac, ele faz questão de dizer que integra a Universidade Aberta da Terceira Idade (Unati) desde o lançamento, em Rio Branco, em 1999. “Sou aluno antigo. Então, o que vou sabendo, eu passo.”

Pai de sete filhos e avô de 18 netos, o ex-seringueiro teve que “crescer” para adquirir o primeiro computador. Depois de todo mundo “criado” é que sobrou um dinheirinho e ele pode, enfim, levar o equipamento para casa. “Quando eu era menino, nem sonhava com internet. Que ia saber mexer então, de jeito nenhum. Já velho, eu via um computador e de longe ia achando o bicho bonito. Até que chegou o dia, em 2005, de eu ir no centro e comprar um pr mim”, comemora Arnaldo, que desde então treina em casa o que aprendeu pela Unati.

Presente em 59 universidades de todo o Brasil, em 2015, na Ufac, a Unati voltou suas atividades à capacitação da terceira idade na utilização de ferramentas tecnológicas.

Trata-se de um curso de formação inicial e continuada de responsabilidade da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proex), que, este ano, contou ainda com a parceria da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Acre (Fapac) e da Secretaria de Inclusão Digital (SID) do Ministério das Comunicações.

“Em edições anteriores, não che-

Ministrado em dois municípios, nas dependências do Colégio de Aplicação (CAP), em Rio Branco, e no núcleo da Ufac em Xapuri, o projeto de 2015 contou com a participação de 85 idosos, com idade de 57 a 84 anos

gamos a oferecer essa oficina de informática, mas este ano, dispondo de mais recursos, foi possível expandir e profissionalizar mais as atividades oferecidas”, afirma a coordenadora-geral da Unati, professora Margarete Prado Lopes. “A maior importância da Unati é manter ativa essa parcela da sociedade que já se aposentou, mas não quer ficar em casa parada. Ano a ano nós mostramos que o idoso, o aposentado pode, sim, manter-se produzindo”, frisa.

Ministrado em dois municípios, nas dependências do Colégio de Aplicação (CAP), em Rio Branco, e no núcleo da Ufac em Xapuri, o projeto de 2015 contou com a participação de 85 idosos, com idade de 57 a 84 anos. Os encontros ocorreram semanalmente no decorrer de 11 meses, totalizando 260 horas. Três docentes, dois técnico-administrativos

e quatro bolsistas integraram a equipe.

Na capital, a oficina de informática foi ministrada pelo professor Luziel Souza.

Tecnologias de informação, introdução a processamento de dados, comunicação em videoconferências, buscas na rede, correio eletrônico e mídias sociais foram apenas algumas das abordagens utilizadas. Na sala de aula, além de operar os microcomputadores, os idosos aprenderam a manusear tablets, smartphones, smart TVs.

“A ideia é possibilitar que a acessibilidade tecnológica vá ao encontro da rotina de cada um dos participantes. Nosso objetivo é inserir esses idosos o mais naturalmente possível na esfera informacional, escapando dos clichês. As aulas têm sido surpreendentes”, destaca Luziel, lembrando-se do relato trazido à sala de aula pela aposentada Helena Cambeiro, 75.

Era um dos primeiros encontros do grupo e o professor falava sobre a evolução dos computadores. Helena identificou-se imediatamente ao ver os primos distantes dos atuais iPads, tablets e smartphones. “Eles eram muito diferentes. Eu estava a trabalho no Rio de Janeiro quando vi o primeiro computador da minha vida. Eles eram enormes, do tamanho de um quadro de sala de aula”, puxa novamente da memória, a aposentada. “A gente nem chegava perto. Eles ficavam em uma sala e, ao

lado, um grupo de mulheres perfurava os cartões que, mais tarde, eram usados nos computadores”, assegura Helena, testemunha de um trecho importante da história da informática. Os cartões que a aposentada via serem perfurados foram, até a década de 1950, o principal modo de entrada e armazenamento de dados dos primeiros computadores eletrônicos. “A programação, na época, era muito manual”, completa Luziel.

Novos velhos

Entre 2008 e 2013, o percentual de idosos usuários de internet mais que dobrou no Brasil. Segundo dados do IBGE, a fatia de brasileiros de 60 anos ou mais com acesso à rede passou de 5,7% para 12,6%, uma variação de 121%. Maria de Lourdes da Silva faz parte da estatística.

Aos 69 anos, ela precisa das duas mãos para enumerar as ferramentas que a fazem permanecer on-line durante praticamente o dia todo. “Tenho o tablet, o smartphone, o notebook. Uso o Face, o Skype, o Zap [WhatsApp] e o Instagram. Eu também tinha o Orkut e tenho o Twitter, mas quase não uso”, diz, em tom de pecado confessado, a idosa high-tech.

Artesã, Lourdes afirma ocupar a maior parte do tempo da navegação em pesquisas para o trabalho, mas também há espaço para o bate-papo com gente de dentro e fora do país.

FOTOS: NATTÉRCIA DAMASCENO/ASCOM-UFAC

“Sou do tempo do bate-papo do Uol. Falo, pelo Skype, com amigas de Portugal e da Argentina”, conta. “Mas como tem a diferença da língua, falo mais com as de Portugal.

Não me dei muito bem com o Google Tradutor”, argumenta, demonstrando conhecimento dos recursos oferecidos.

Como não estão entre os nativos digitais, quem tem mais de 60 anos tem cuidado na hora de se aproximar das novas tecnologias. Fazer algo errado ou colocar-se em situações de perigo são os principais receios. Incentivada a uma paquera virtual pelos filhos, a maranhense Euzamar Oliveira, 62, não vê acordo. Sua familiaridade com a rede segue um padrão. “Gosto muito da internet, mas para me manter informada. É fantástico eu poder assistir a um filme ou documentário e complementar o que vi depois com uma pesquisa. Para namoro, não. Vemos muitos golpes, sabe”, blinda-se.

Com a experiência de quem conhece bem diferentes regiões e culturas brasileiras, Euzamar vislumbra um futuro diferente para a relação de encontro das gerações. “Já era essa história de curso de crochê, tricô ou culinária para terceira idade. A internet é que é o caminho. Nem se preocupem que os netinhos não vão mais ficar gordinhos às custas dos bolos e doces da vó, vão voltar pra casa cheios de informação, isso sim!”, idealiza a vovó moderna.



Antônia Soares, 84

Conhecimento e cidadania

Além de desmitificar o mundo das novas tecnologias da informação e comunicação, a Unati mantém o objetivo de auxiliar idosos em dinâmicas para o envelhecimento saudável. São ofertadas capacitações em movimentos e práticas para a terceira idade, artes visuais (pintura e desenho) e sonoridade e musicalidade na vida cotidiana do idoso.

“A Unati não é apenas um curso de extensão, é um curso de cidadania através do qual a Ufac abre as portas para o público da terceira idade. É a forma de a universidade cumprir seu papel de mediadora do conhecimento também para os idosos”, destaca Reginâmio Bonifácio de Lima, coordenador da Unati em Rio Branco.

Este ano, uma das novidades do curso foi a interação entre jovens e idosos. No CAP, a oficina de informática foi sempre seguida por uma etapa de recreação que envolve séries de alongamento e dança em grupo. As aulas contaram com a participação de estudantes da educação básica que auxiliaram os idosos nos movimentos.

“Nessa faixa etária [mais de 60 anos], a atividade física auxilia a capacidade fisiológica, a memória e o relacionamento interpessoal”, frisa a coordenadora da Unati em Xapuri, professora Denise Cesar, responsável pelas dinâmicas de movimento corporal. “Com mais de 60 anos, a maioria já se aposentou e as cargas de movimento acabam reduzidas. Através das atividades tem-se um retorno das funcionalidades e combate ao sedentarismo.”

A Unati, em 2015, funcionou no CAP da Ufac, no centro de Rio Branco, às sextas-feiras. Em Xapuri, as atividades foram realizadas às terças-feiras, no núcleo da universidade, onde já foram ministradas palestras sobre fisiologia, saúde do idoso e seguridade social. A formatura dos idosos ocorreu no dia 18 de dezembro.

Idosos interagem com jovens estudantes do CAP; Unati os auxilia com dinâmicas para envelhecimento saudável



Oficinas de informática abordam temas como e-mail, redes sociais, videoconferência e internet de modo geral

Mestrado da Ufac garante melhora pessoal e profissional

3 ex-alunos do mestrado em Letras: Linguagem e Identidade contam o que mudou em suas vidas após curso

Rivanda Nogueira concluiu mestrado em 2011; Jefferson Cidreira, em 2013; Queila Lopes, em 2008

FRANCISCO DANDÃO
fdandao@gmail.com

A Ufac tem avançado significativamente, nos últimos anos, na oferta de cursos de pós-graduação. Até novembro de 2012, antes do início da atual administração, a Ufac oferecia apenas três mestrados. Agora são seis cursos de mestrado e dois de doutorado. Para saber o que isso significa na vida das pessoas, a reportagem do Ufac Hoje foi ouvir três mestres formados pela instituição.

Rivanda Nogueira

Pedagoga, desde 1994, lotada na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proex) da Ufac, a xapuriense Rivanda dos Santos Nogueira concluiu mestrado em Letras: Linguagem e Identidade, com área de concentração em descrição e análise linguística, no ano de 2011, escrevendo uma dissertação intitulada "Entre Falas e Escritas: redação no vestibular", sob a orientação da professora doutora Verônica Maria Elias Kamel.

"A partir do mestrado, o mais significativo para a minha vida profissional foi a retomada do gosto pelos estudos, especialmente pela real possibilidade acadêmica de redigir e dominar gêneros pelos quais eu não transitava. Isso para mim é sinônimo de prazer. Outra questão diz respeito à valorização profissional e à interlocução com professores de renome, tanto da Ufac, como da região Norte e do país", disse Rivanda.

No que diz respeito às oportuni-

des surgidas após o término do curso, Rivanda garantiu que agora ela participa em pé de igualdade com docentes, em comissões de avaliação de projetos diversos, bem como elabora propostas de projetos que concorrem a financiamentos em nível nacional. Além disso, "o mestrado também me possibilitou uma bonificação financeira, além de participar de grupo de pesquisa etc.", concluiu ela.

Atualmente, Rivanda Nogueira cursa um doutorado interinstitucional em Educação, na linha de pesquisa políticas educacionais, oferecido pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), em convênio com a Ufac.

Jefferson Cidreira

O historiador Jefferson Henrique Cidreira, professor do sistema municipal de ensino de Senador Guiomard, concluiu o mestrado em Letras: Linguagem e Identidade, com área de concentração em cultura e sociedade, em 2013. Sua dissertação de final de curso recebeu o seguinte título: "Rádio Difusora Acreana, Jornal Varadouro e Outras Mídias: discurso oficial e discurso de resistência na Amazônia acreana (1971-1981)".

O enriquecimento em nível de conhecimento, após os debates acirrados com colegas e professores, possibilitou ao agora mestre Jefferson Cidreira, segundo o próprio, adquirir uma bagagem maior que lhe permitiu ter novos olhares e novas perspectivas sobre história, literatura e educação. "Tais conhecimentos me permitiram ter novas práticas de saber e, principalmente, de pensar o mundo", garantiu ele.

"O mestrado me possibilitou ter ainda mais sede de aprender, de alçar voos cada vez mais altos, pois me despertou para o mundo de tecer novas escrituras. Dizendo de outra forma, o mestrado me apresentou um mundo de produção de novos conhecimentos, onde possa vir a aprofundar meus saberes, minhas pesquisas e consiga crescer profissionalmente em minha área de atuação, que é a docência", disse Cidreira.

Atualmente, Cidreira exerce o cargo de gestor da escola Boa União,



FOTO: ACERVO PESSOAL



O mestrado me possibilitou ter ainda mais sede de aprender, de alçar voos cada vez mais altos, pois me despertou para o mundo de tecer novas escrituras

Jefferson Cidreira, professor

na zona rural de Senador Guiomard; participa de congressos acadêmicos; escreve e publica artigos em revistas nacionais, além de se preparar para fazer o seu doutoramento.

Queila Lopes

Licenciada em Letras/Inglês, pela Ufac de Cruzeiro do Sul, a professora Queila Barbosa Lopes concluiu o mes-

trado em Letras: Linguagem e Identidade no ano de 2008. Sua dissertação final, sob a orientação do professor Vicente Cerqueira, foi o resultado de uma detalhada pesquisa sobre a presença de anglicismos na paisagem linguística da cidade de Rio Branco, como elementos de materialização da identidade acreana.

Profissionalmente, o mestrado concluído possibilitou a Queila ser contratada, a partir de um concurso público, como professora efetiva do curso de Letras da Ufac. Antes ela já havia atuado como docente do referido curso, mas na condição transitória de professora substituta. "Sem o mestrado, não teria como realizar esse sonho, que era voltar para a Ufac como professora efetiva", disse.

Quanto a outras oportunidades surgidas a partir da conclusão do mestrado, Queila declarou que "o processo de recebimento do título de mestre abriu portas, tanto profissionais como para a obtenção de mais conhecimentos acadêmicos. Não fosse por esse título, eu não poderia ter ascendido profissionalmente da maneira como o fiz, muito menos poderia ter ingressado no doutoramento, onde estou neste momento".

Atualmente, Queila é doutoranda no programa de Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), campus de São José do Rio Preto (SP), pesquisando sistemas de gêneros em comunidade virtual de aprendizagem de língua estrangeira.



Comer bem demais pode fazer mal

Ortorexia nervosa atinge pessoas que se preocupam em fixar obsessivamente um hábito alimentar saudável

Indivíduo ortoréxico, ao optar exclusivamente por ingestão de alimentos ditos saudáveis, pode ter saúde prejudicada

EDMÊ GOMES
edmebg@gmail.com

Manter uma alimentação balanceada é importante para a saúde, mas pode virar uma obsessão que já tem nome: ortorexia nervosa, um distúrbio alimentar caracterizado pela preocupação extrema em ingerir alimentos saudáveis.

Apesar de pouco popular e do não reconhecimento oficial pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma doença, o mal já preocupa especialistas que têm notado o crescimento do desequilíbrio comportamental, especialmente entre os ocidentais.

“O nome ‘ortorexia’ vem do grego, em que ‘orthos’ significa correto e ‘orexis’, fome. Está relacionado ao comportamento obsessivo patológico caracterizado pela fixação por saúde alimentar, qualidade dos alimentos e pureza da dieta”, explica a professora do curso de Nutrição da Ufac, Bruna Dias.

Descrita pela primeira vez, em 1997, pelo médico estadunidense Steven Bratman (autor do livro “Health Food Junkies”), a ortorexia diferencia-se das primas bulimia e anorexia porque a preocupação central gira em torno da qualidade, e não da quantidade, dos alimentos consumidos. É

comum ao indivíduo ortoréxico evitar alimentos como carne vermelha, laticínios e aqueles que contêm conservantes, agrotóxicos ou corantes, além de não medir esforços por ingerir produtos que, segundo leis próprias, são imprescindíveis à boa saúde.

Mas Bruna faz o alerta: “A alimentação adequada é pensada em função de uma dieta que atenda às recomendações nutricionais. A alimentação saudável não deve envolver restrições como guia.” Para a especialista, a recomendação é não taxar os alimentos em bons e ruins ou saudáveis e não saudáveis.

“O julgamento sobre o que é saudável, ou não, depende de muitos fatores, entre eles: história individual e familiar, cultura, religião, aspectos econômicos, experiência pessoal, preferências e aversões, conhecimentos e crenças, entre outras variáveis”, lembra.

Estilo de vida x obsessão

Preocupada em manter-se longe do sedentarismo desde a adolescência, a servidora pública Katianne Antoniete, 27, começou a dar especial atenção à dieta saudável há cerca de três anos. Com 1,69 metro e 64,6 quilogramas, malhando todos os dias, ela busca o corpo “ideal” e deu adeus à ingestão de sódio, refrigerante, fritura e massa branca.

“Estou sempre acompanhada das minhas marmitas e faço sete refeições por dia. Tenho certeza que sou muito mais saudável, hoje, que aos 20”, diz Katianne, que é acompanhada de perto por um nutricionista esportivo. “Eu busco muita informação, leio bastante sobre saúde e alimentação e me sinto segura por seguir uma dieta balance-

ada, prescrita por um especialista em quem confio.”

Feliz com a vida que leva, a funcionária pública confessa que enfrenta mais resistência da família que de amigos e, apesar de já ter deixado de sair com a turma para não comprometer a dieta, consegue equilibrar a vida social com a boa alimentação. “Claro que algumas pessoas implicam com os meus novos hábitos. Minha mãe, por exemplo, diz que vou acabar adoecendo com isso, mas para mim, isso é um estilo de vida, está longe de uma obsessão. Seguir a recomendação do nutricionista me deixa muito tranquila”, finaliza.

Para o também funcionário público Renan Souza, 28, o sinal vermelho veio após uma crise de depressão. Eufórico, ele perdeu e adquiriu muito peso rapidamente. Uma bateria de exames revelou o problema. “Em setembro do ano passado, eu descobri que o meu colesterol bom estava abaixo do normal e, ao chegar ao nutricionista, fui diagnosticado com obesidade em grau um”, relembra Renan, que, durante dois meses, adotou uma dieta rigorosa prescrita pelo nutricionista.

Sete quilos mais magro, incorporando mais frutas e verduras à alimentação, Renan evita pão e arroz e mantém o controle durante os sete dias da semana. “Eu não tenho o dia do lixo. Quando tenho algum evento, eu como o que está sendo servido, mas de maneira muito mais controlada que antes, quando eu devorava tudo o que via pela frente. Eram dois cafés da manhã, marmita no trabalho e almoço de novo em casa, um total descontrole”, destaca o servidor, que, hoje, malha três vezes por semana, faz seis refeições diárias e diz se sentir muito melhor que antes.

Diagnóstico e tratamento

Para Liliane Gomes, psicóloga da Ufac, o diagnóstico da ortorexia pode não ser fácil. Sob a justificativa da preocupação com a saúde, o indivíduo tende a esconder dele próprio o possível problema e protelar a busca por um especialista.

“O problema surge quando a busca por essa alimentação saudável começa a gerar ansiedade e sofrimento”, avisa a especialista.

Situações de isolamento social e familiar e obsessão por rótulos e nutrientes acendem o sinal vermelho, mas o histórico de vida do paciente é fundamental para identificação e solução do mal. “A ortorexia ainda não é reconhecida como uma doença. Ela não consta nos manuais de DSM [Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais], mas não é esse reconhecimento oficial que pressupõe a demanda, e sim o sofrimento gerado”, alerta Liliane.

Um psicólogo ou um psiquiatra pode ajudar muito na busca pelo reconhecimento da diferença entre manter hábitos alimentares saudáveis e ter fixação pela qualidade da comida ingerida.

A ideia de comer saudável deve ser substituída pela ideia de comer adequado. Dietas vegetarianas restritivas ou desequilibradas podem determinar deficiências nutricionais, particularmente em situações em algumas patologias. Por outro lado, dietas vegetarianas bem equilibradas podem prevenir possíveis deficiências nutricionais, inclusive algumas doenças crônicas. A reeducação alimentar é sempre a proposta nutricional mais adequada e que apresenta melhores resultados.

Francisco Dandão

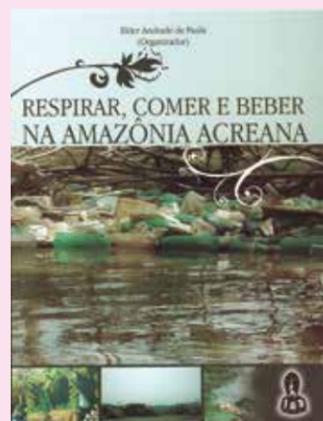
Livros E IDEIAS

Respirar, Comer e Beber na Amazônia Acreana

Organizador:
Elder Andrade de Paula
Editora: Edufac

Composto por cinco artigos científicos e sob a organização do doutor Elder Andrade de Paula, “Respirar, Comer e Beber na Amazônia Acreana” é um livro que traz informações sombrias sobre a degradação que empobrece a região referida no título. Ao mesmo tempo, porém, os textos tratam de mostrar alternativas de reversão do problema.

A ideia de uma publicação dessa natureza foi, entre outras questões, de acordo com o organizador do livro, ressaltar a posição de



que a acelerada destruição do meio ambiente não deve ser tomada como uma ameaça futura, mas sim como um dilema presente. Um dilema que afeta todos os seres vivos, em qualquer lugar do planeta.

Publicado em 2007, com a participação de vários professores da Ufac, o livro se mantém, oito anos depois, atual e necessário.

O Inverno dos Anjos do Sol Poente

Autor: Cláudio Motta
Editora: Inove

Primeiro romance do doutor em Filosofia e História da Educação, ensaísta, professor e cronista xapuriense Cláudio Motta, “O Inverno dos Anjos do Sol Poente” narra a trajetória do cearense Melchiades, desde o interior do seu Estado natal, na segunda década do século 20, até os seringais do Acre, nos áureos tempos da riqueza extrativa.

“Trata-se de uma narrativa com cheiro do passado”, conforme explicação do apresentador da obra, Márcio Chocorosqui. Além disso, ainda no dizer de Chocorosqui, o livro tem o poder de realçar



e trazer à tona “um pedaço épico da história do Brasil, no que concerne à colonização e formação da Amazônia”.

Lançado em 2014, na 66ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), o livro de Cláudio Motta já se tornou referência da ficção acreana.



Olhando a arte de Danilo de S'Acree

◀ MÁRCIO CHOCOROSQUI



‘O leão e o leopardo’ (1995), de Danilo de S'Acree

Lápis ou pincel na mão, o artista prossegue, a traços lentos. Concentrado em sua viagem interior, pacientemente cuida de minuciosos e imprescindíveis detalhes. O tempo se lhe torna abstração. Passam as horas do dia e da noite enquanto sua imaginação segue transfigurada na tela. Ele, porém, não se perturba. Sabe que uma precipitação pode prejudicar todo o trabalho. Aos poucos e naturalmente, a obra vai adquirindo seus contornos, num fluxo iluminado que persistirá desde o esboço até a finalização.

Talvez essa descrição se encaixe no modo de produção de muitos que trabalham (ou trabalharam) com a arte da pintura. Assim ocorre com Danilo de S'Acree, artista plástico brasileiro, nascido no Estado do Acre, na região amazônica, em 12 de julho de 1958. Aos 22 anos, partiu para a Itália, onde passou uma temporada de 13 anos, período em que fez estágio com artistas europeus e estudou arte intensamente, além de participar de cursos em restauração de objetos etnográficos. Na época, expôs em Roma, Ancona, Milão, Valleri, Reggio di Calabria e San Giovanni Rotondo. De volta à terra natal, estabeleceu-se, fazendo exposições individuais e participando de coletivas.

Ele produz quadros, gravuras, ilustrações e esculturas. Usa elementos naturais da floresta amazônica em sua arte, como folhas, sementes, fósseis, cipós e argila, além de material reciclado, como sucata. Seja na produção de uma ilustração, de um painel ou de um quadro, seu modo de ser é sereno, absorto às convulsões do tempo e do espaço. Mas o fazer artístico não se opera apenas na formalização do ato; não começa com o primeiro traço ou pincelada. Está na ideia, que é revolvida e amadurecida na memória. Aproveitando os momentos de inspiração, Danilo tem a ideia e as técnicas para representá-la através de sua arte. No entanto, não é apenas isso.

O grande poeta lusitano Fernando Pessoa, ao discorrer sobre arte no livro “Páginas de Doutrina Estética”, faz crer que, para ser mesmo artis-

ta, é necessário ter instinto, porque a invenção é um ato de instinto e deste provém a ideia. Danilo é desses que tem o instinto de artista, o que talvez explique a origem de suas criações: são-lhe instintivas e até mesmo inconscientes.

É notório que a matéria-prima para a construção da obra de arte o artista retira da realidade. Ele capta, interioriza, ultrapassa, idealiza a realidade. De personalidade subjetiva, o artista vê além do que se lhe apresenta aos olhos. E o instinto promove a invenção. Na obra de arte fica expressa uma tradução particular da sensação. Citando diretamente Fernando Pessoa: “A arte é apenas e simplesmente a expressão de uma emoção.” Contudo: “O artista não exprime as suas emoções. Exprime, das suas emoções, aquelas que são comuns aos outros homens.”

Nesse sentido, o trabalho artístico oferece a seu apreciador uma possibilidade para a identificação com o artista. Há uma relação de simbiose entre o artista, sua criação e aquele que a observa. Se o observador consegue compreender a linguagem do artista, significa que, por alguns momentos, transcende o plano da existência física e faz-se também artista. E é essa uma das finalidades da arte: elevar os sentidos acima de tudo que seja limitado e supérfluo.

O artista Danilo de S'Acree, à medida que, espontaneamente, escamoteia o sentido da obra, trava com o observador uma relação muito própria. O observador, confiante num tipo de impacto, recebe outro que não esperava, surpreendendo-se ao perceber a existência de significados muito diferentes, tal qual num “efeito colateral”. Assim, o sentido lhe prega uma peça e a relação é falhada; o artista indica-lhe o caminho para novas perspectivas.

◀ Redator e revisor de texto da Ufac; escreve no blog: lounge.obviousmag.org/leve_no_temporal/.



Edufac

Essas e outras obras estão à venda na Editora da Universidade Federal do Acre (Edufac), localizada no campus universitário Rio Branco, em bloco anexo à Biblioteca Central.

O início do curso de Enfermagem da Ufac

Enfermeiro paulista veio ao Acre via projeto Rondon em 1974 e tornou-se um dos primeiros professores do curso

Professor da Ufac fala da criação do curso de Enfermagem, cuja aula inaugural ocorreu em 28 de agosto de 1976

FRANCISCO DANDÃO
fdandao@gmail.com

O paulista Creso Machado Lopes, natural de Ribeirão Preto (SP), conheceu o Acre em 1974, como membro de uma operação do projeto Rondon. Ele era estudante de Enfermagem na Universidade de São Paulo (USP) e veio para fazer um estágio na sua área de formação. Ficou 45 dias atendendo a comunidade local, envolvido, entre outras ações, com campanhas de vacinação e aulas num curso de auxiliar de enfermagem.

Em 1975, Creso voltou ao Estado, novamente numa operação rondonista. Dessa vez, mais experiente e com conhecimentos mais apurados, além de repetir as atividades anteriores, ele ministrou um curso de primeiros socorros e doenças venéreas para integrantes da Polícia Militar do Acre e um curso de higiene para funcionários da cantina do então Complexo Escolar de Ensino Médio (Ceseme).

A aproximação com o Acre estava em pleno andamento. No final do estágio de 1975, numa visita ao reitor da Ufac, professor Áulio Gélvio Alves de Souza, Creso foi convidado para, depois de graduado, vir de vez para o Estado para ajudar na criação do curso de Enfermagem da instituição. Em 21 de janeiro de 1976, Creso se mudou para o Acre, onde permanece até hoje, 39 anos depois.

É com esse personagem, mestre e doutor em Enfermagem pela USP de Ribeirão Preto, além de pós-doutor pela Universidade de Valladolid (Espanha), que o jornal Ufac Hoje foi conversar. Os principais trechos do pensamento expressado por ele durante a conversa estão reproduzidos abaixo.

A criação do curso de Enfermagem

“A proposta de criação do curso de Enfermagem da Ufac deu-se no ano de 1974. O projeto, cuja autora foi a professora Lígia Paim, da Escola de Enfermagem Ana Nery, foi enviado primeiramente ao MEC [Ministério da Educação], sendo em seguida apresentado aqui no Estado, numa reunião da Sudam [Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia]. Deve-se ressaltar a necessidade absoluta da formação de enfermeiros em nível local, uma vez que naquele momento só existiam cinco desses profissionais em todo o Estado. O Acre tinha 150 mil habitantes, o que dava uma média de um enfermeiro para cada 30 mil habitantes. No que diz respeito ao meu engajamento, o que aconteceu foi que eu era estudante de Enfermagem na

USP de Ribeirão Preto e naquela oportunidade participava de uma operação do projeto Rondon, em Rio Branco. Participei duas vezes dessa operação. Na segunda vez, em 1975, quando fui me despedir e agradecer ao reitor Áulio Gélvio a acolhida que tivemos por aqui, ele me convidou para retornar como professor do curso, após a minha formatura. O curso começou em 1976, eu aceitei o convite e estou aqui até hoje.”

Os primórdios do curso

“Eu e a colega Áurea Moretti fomos os primeiros professores do curso. Quando nós chegamos a Rio Branco, no início de 1976, fizemos um levantamento de tudo o que existia aqui em termos de serviços de saúde, inclusive no que diz respeito a material bibliográfico, laboratórios etc. Essa foi a nossa primeira tarefa. Não tinha praticamente nada em termos de saúde pública no Acre. Existia apenas uma unidade para esse tipo de serviço. Essa única unidade era chamada PNI, que era o Programa Nacional de Imunização. Era um lugar onde se aplicavam vacinas e se faziam exames de pré-natal. Existia isso e mais algumas poucas unidades do sistema privado. Ou seja, praticamente nem unidades de saúde pública existiam para promovermos os estágios dos alunos. Mas, em maio desse ano, recebemos um reforço importante, que foi a chegada da professora Elda Moreira de Oliveira. Ela foi a nossa primeira coordenadora. Com todo o conhecimento dela e com a chegada de mais alguns colegas, o curso foi aos poucos se desenvolvendo. Nós trabalhamos durante seis meses para preparar uma base que pudesse respaldar o funcionamento do curso, cuja aula inaugural aconteceu no dia 28 de agosto de 1976.”

O curso na atualidade

“A seriedade e a dedicação, tanto dos professores quanto dos servidores administrativos, desde o seu início, fazem com que o curso de Enfermagem da Ufac tenha hoje conceito quatro na avaliação do MEC. Eu diria que nós hoje fazemos parte de um curso que está sendo muito bem desenvolvido e que, também, está sendo muito bem avaliado pelos setores competentes. Talvez por isso, ou em parte por isso, o curso de Enfermagem seja objeto de uma procura tão significativa com relação aos alunos de ensino médio que se submetem todos os anos à avaliação do Enem, com vistas a ingressar no ensino superior. Ao longo desses anos, inúmeros profissionais foram formados no nosso curso e ocupam, na atualidade, postos de destaque nos sistemas de saúde estadual e municipal. Nós temos levado o curso da melhor maneira possível e o resultado disso é esse conceito quatro na última avaliação do MEC. Além disso, é importante ressaltar que o curso de Enfermagem, graças ao empenho do corpo docente, possui programas de mestrado e



FOTO: ARQUIVO CRESO LOPES

doutorado em Saúde Coletiva.”

Tristeza x felicidade

“O meu momento de maior tristeza enquanto personagem da história do curso de Enfermagem da Ufac foi quando morreu a nossa primeira coordenadora, a professora Elda Moreira. Ela ficou apenas um ano com a gente, morrendo em julho de 1977, vítima de um acidente de trânsito. Mas, como tudo na vida tem o seu outro lado, eu posso dizer que vivi muitos momentos de felicidade plena também. Eu diria que o meu momento mais feliz foi quando eu fui escolhido para dar nome à primeira turma de formandos do curso. A primeira turma de enfermeiros da Ufac leva o meu nome: Creso Machado Lopes. Foi um momento especial para mim, naquele ano de 1979.”

Outras atividades

“Eu tenho exercido muitas atividades, nesses anos todos. Atividades para além das obrigações inerentes à graduação. Veja que, desde o início do curso, houve uma preocupação com o desenvolvimento de atividades extracurriculares. As especializações e os aperfeiçoamentos, por exemplo, sempre foram objetos de preocupação no curso de Enfermagem da Ufac. Eu sempre participei tanto de uma como da outra coisa. E, paralelamente a isso, sabemos que qualquer curso da universidade deve se preocupar também com as questões da pesquisa e da extensão. Dentro do leque das atividades de extensão, promovemos eventos, encontros, como forma de proporcionar uma troca de experiências em diferentes temas, para que seja possível ampliar os próprios conhecimentos. É o caso do fórum de saúde, evento de caráter internacional, com 12 edições já realizadas, todas sob a minha coordenação.”

Pós-doutorado

“Eu tenho quase 40 anos de Ufac e

Alunos da 1ª turma do curso de Enfermagem da Ufac; Creso é o de óculos

há 25 anos que eu venho escrevendo a história do curso de Enfermagem da instituição. Eu guardei nos meus arquivos toda a documentação de criação e evolução do curso de Enfermagem. Essa iniciativa, inclusive, se deu por orientação da professora Elda Moreira que, como eu já disse, foi a primeira coordenadora do curso. Já nos primórdios, ela pensava que tínhamos que guardar a documentação para um dia escrever a história. Então, nesse meu pós-doutorado, eu fui para a Espanha para escrever três livros: a história da criação do curso de Enfermagem, um álbum histórico-fotográfico de todas as atividades do curso, e um livro sobre o jubileu de prata do curso. Fiquei durante seis meses na Universidade de Valladolid, na Espanha, escrevendo esses três livros.”

Recado aos futuros enfermeiros

“Como tudo faz parte da história e o curso de Enfermagem não é diferente, e levando em conta a seriedade com que se desenvolveram suas atividades desde os primórdios, o que eu tenho a dizer para os estudantes de agora e, naturalmente, futuros enfermeiros, é que se empenhem para manter o nível. Só assim se poderá elevar cada vez mais o nome do curso de Enfermagem da Ufac, que é um dos mais procurados pelos vestibulandos. Isso não se dá por acaso; é fruto de toda uma história. Dessa forma, o que eu espero é que os nossos estudantes atuais possam desenvolver, de forma cada vez mais ética, suas habilidades técnicas, científicas e profissionais. Lembrando que um bom profissional deve conhecer a sua história, a sua legislação e a sua ética. É assim que orientamos os novos enfermeiros formados pela Ufac.”

‘Soldados da borracha’ são tema de tese

Pesquisador da Ufac fala da imigração dos nordestinos para a Amazônia nos anos 1940; tese foi defendida na USP

‘Para a Chuva Não Beber o Leite’ é o título do trabalho em História Social do professor Francisco Pereira da Costa

FRANCISCO DANDÃO
fdandao@gmail.com

Uma série de eventos, no final dos anos 1930, fez com que um grande contingente de habitantes do Nordeste do Brasil se deslocasse para a Amazônia. Foram os casos de uma estiagem prolongada naquela região do país; a situação beligerante na Europa, que levou à deflagração da Segunda Guerra Mundial, a partir das ações imperialistas da Alemanha hitlerista; e a ocupação do Havaí pelos soldados japoneses.

Este último fato acarretou no impedimento da importação de borracha crua pelos norte-americanos, proveniente das colônias inglesas da Ásia. A Amazônia passou a ser, então, vista como alternativa para o suprimento dessa matéria-prima para os Estados Unidos, o que gerou estudos sobre a viabilidade da produção da borracha no Brasil e exportação para aquele país, firmando-se um acordo entre as duas nações para esse fim.

A baixa produção da borracha amazônica, porém, era um obstáculo a ser superado. Foi nesse momento que o governo brasileiro colocou em marcha a operação denominada “batalha da borracha”, cuja essência era o aliciamento de milhares de trabalhadores de vários estados do país, primordialmente do Nordeste, para a extração do látex nos seringais da região Norte. A estes se denominou “soldados da borracha”.

Uma propaganda enganosa elaborada e executada pelo governo brasileiro serviu de ferramenta para atrair o interesse dos nordestinos em embarcar na aventura. Falsas garantias trabalhistas, uma vez que os trabalhadores assinavam um contrato de trabalho com cláusulas “genéricas”, selaram um pseudopacto entre imigrantes e governo. Na prática, em pouco tempo os nordestinos se viram em condições análogas às de escravos.

Foi nesse universo multifacetado, fascinante e ainda pouco explorado da historiografia regional que mergulhou o professor Francisco Pereira da Cos-

ta, lotado no Centro de Ciências Jurídicas e Sociais Aplicadas (CCJSA) da Ufac, para escrever o seu trabalho final de doutorado em História Social, na Universidade de São Paulo (USP), sob a orientação do professor Shozo Motoyama.

A tese resultante da imersão no tema, sob o título “Para a Chuva Não Beber o Leite: soldados da borracha — imigração, trabalho e justiça na Amazônia, 1940-1945”, foi defendida e devidamente aprovada em março de 2015 por uma banca composta pelos seguintes nomes: Shozo Motoyama (USP — presidente), Marcos Silva (USP), Jorge Souto Maior (USP), Marilda Nagamini (USP) e Francisco Bento da Silva (Ufac).

Motivações dos imigrantes e retorno dos indesejáveis

Para desenvolver a contento sua tese, o professor Francisco Pereira precisou escrever cinco capítulos. No primeiro, ele tratou dos deslocamentos populacionais de trabalhadores nordestinos para a Amazônia, enquanto que, nos seguintes, pela ordem, os temas específicos foram: trabalho e dominação na economia de escambo; controle social no meio extrativo; direito na economia da borracha; e o retorno dos indesejáveis.

“O primeiro capítulo”, disse Francisco Pereira, “foi escrito com a intenção de apresentar ao leitor uma análise histórica dentro de uma escala de observação para ampliar a visão e análise das motivações que levavam as pessoas a deixarem seu lugar de pertencimento para outro lugar, para outra região do país. Creio que as informações sobre isso são de fundamental importância para a compreensão geral do processo”.

“No que diz respeito ao último capítulo”, explicou Pereira, “o escrevi como uma espécie de fechamento daquele ciclo iniciado com a migração. Quanto à denominação de ‘o retorno dos indesejáveis’, a ideia foi fazer uma provocação, mas tudo dentro do contexto de guerra mesmo. É que, afinal a meu ver, um sujeito envolvido numa batalha da dimensão que foi ou é uma guerra ou batalha está sujeito mesmo a qualquer sorte”.

Quanto à contribuição que o trabalho traz para a historiografia regional e para a sociedade amazônica, Francisco Pereira afirmou que a tese foi escrita com a intenção de “marcar o oportunismo do Estado ante a fragilidade e a ineficácia da própria lei que ele mesmo produz, ou até burlar esta mesma lei



FOTO: REGINA AZEVEDO

quando não cumpre com suas exigências e responsabilidades. O Estado pratica atos ilícitos e não se responsabiliza por isso”.

Contrato dos seringueiros era um engodo

Entre as muitas conclusões expressas na tese de Francisco Pereira, pode-se destacar a de que o contrato oferecido pelo governo brasileiro aos seringueiros, com supostas garantias trabalhistas, não possuía sustentação jurídica alguma. “As classes conservadoras na Amazônia, vendo que o contrato feria frontalmente os seus interesses, decretaram a sua total inaplicabilidade, para azar dos seringueiros”, garantiu Pereira.

“O sistema de normas aliado às práticas sociais e políticas urbanas e extrativistas”, continuou Pereira, “criou uma verdadeira blindagem ao seringueiro, para não acessar os instrumentos de controle e punição da sociedade capitalista controlada e dominada pela burguesia e pelo Estado. Sem falar num sistema jurídico funcionando de maneira alheia à realidade, no que diz respeito à economia extrativista da borracha”.

Essa blindagem toda, de acordo com uma das conclusões às quais chegou o agora doutor Francisco Pereira, servia para manter o seringueiro alienado do mundo, não reivindicar os seus direitos, não acessar os órgãos de controle do Es-

Professor Francisco Pereira da Costa, do curso de Direito da Ufac

tado e, muito menos, o poder judiciário. Apenas uma ou outra denúncia é que escapava ao controle dos órgãos do Estado e dos coronéis da borracha. A lei que vigorava era a do silêncio.

“Além disso, a estratificação ou a hierarquização do capitalismo na Amazônia criou sistemas legais e jurídicos específicos para cada ‘lôcus’. Nos seringais, sob o domínio dos patrões-seringueiros prevalecia o código de conduta, de controle e das relações sociais do trabalho para a exploração do látex, elaborado de forma unilateral pelos patrões. É isso. Espero ter jogado algumas luzes sobre o tema”, concluiu Pereira.